

STAUDT, Letícia Bello; FRONZA, Cátia de Azevedo. Estudo sobre a aquisição de *onsets* complexos por crianças de 2 anos e a Teoria da Otimidade. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Edição especial n. 1, 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

ESTUDO SOBRE A AQUISIÇÃO DE *ONSETS* COMPLEXOS POR CRIANÇAS DE 2 ANOS E A TEORIA DA OTIMIDADE

Letícia Bello Staudt¹

Cátia de Azevedo Fronza¹

leticiaabello@bol.com.br

catiaaf@unisinis.br

RESUMO: Este trabalho tem a meta de apresentar reflexões sobre dados da aquisição do onset complexo, que se caracteriza como a última estrutura silábica adquirida pela criança. Enquanto estruturas mais simples, como CV e V, já fazem parte do sistema fonológico de crianças entre a idade de 1:0 e 1:4, conforme afirma Matzenauer (2003), o *onset* complexo só atinge estabilização na produção por volta dos 5 anos de idade. Esta peculiaridade leva-nos a refletir sobre as características de aquisição do *onset* complexo, apresentando dados de estudos já realizados, como os de Lamprecht (1990,1993), Ribas (2002) e Gomes (2005), entre outros. Em seguida, trazemos uma discussão preliminar de produções dessa estrutura silábica por crianças com idade inicial de 2 anos, parte da análise de dados de fala de 12 informantes que fazem parte de uma dissertação de Mestrado, em andamento. Tal discussão está baseada na Teoria da Otimidade, através da qual pretendemos explicar a aquisição de *onsets* complexos de nossos informantes. Este estudo, então, pretende contribuir com reflexões sobre a aquisição da linguagem, a aquisição da fonologia e sobre teorias fonológicas, em especial a Teoria da Otimidade, oferecendo dados e análises que podem fortalecer sua aplicabilidade. Além disso, o estudo também é capaz de trazer contribuições às áreas de Fonoaudiologia, Psicologia e Educação, estabelecendo relações mais próximas dessas áreas com a Linguística.

PALAVRAS-CHAVE: aquisição da fonologia; onset complexo; Teoria da Otimidade.

INTRODUÇÃO

O *onset* complexo, caracterizado pela estrutura CCV, é a última estrutura silábica adquirida pela criança, devido a sua complexidade. Enquanto estruturas mais simples, como CV e V já fazem parte do sistema fonológico de crianças entre a idade de 1:0 e 1:4, conforme afirma Matzenauer (2003b), o *onset* complexo só atinge

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

estabilização na produção por volta dos 5 anos de idade. Esta peculiaridade nos leva a refletir sobre as características de aquisição do *onset* complexo, apresentando dados de estudos já realizados, como os de Lamprecht (1990,1993), Ribas (2002) e Gomes (2005). Primeiramente, apresentaremos alguns dados sobre a estrutura CCV na fala das crianças. Em seguida, traremos dados preliminares de uma pesquisa longitudinal que irá auxiliar na ampliação dos estudos sobre *onsets* complexos e contará com a análise de dados de fala de 12 informantes com idade inicial de 2 anos. Também serão abordadas algumas reflexões sobre a Teoria da Otimidade (TO), mostrando como esta teoria pode explicar a aquisição de *onsets* complexos pelos informantes desta investigação.

1. O ONSET COMPLEXO NA FALA DAS CRIANÇAS

Diversos estudos têm abordado a aquisição do *onset* complexo, trazendo dados pertinentes sobre o desenvolvimento fonológico. Lamprecht (1990, 1993) encontra padrões regulares na aquisição da linguagem, afirmando que as crianças adquirem primeiramente as estruturas silábicas mais simples para então dominarem as estruturas mais complexas. Conforme a autora (op. cit.), a aquisição das diferentes estruturas silábicas segue a seguinte ordem: CV/ V>CVV>CVC>CCV.

Observa-se, portanto, que o *onset* complexo, caracterizado pela estrutura CCV, é a última estrutura silábica adquirida pela criança, atingindo a estabilidade de produção, conforme indica Ribas (2002), por volta dos cinco anos de idade.

No português brasileiro, admite-se o máximo de duas consoantes na posição de *onset*, sendo a primeira uma obstruinte (p, b, t, d, k, g, f, v) e a segunda uma líquida (l, r). O quadro a seguir ilustra os grupos de *onset* complexo permitidos no Português Brasileiro (PB), conforme Ribas (2003):

| Grupos com /r/ | Exemplos | Grupos com /l/ | Exemplos |
|----------------|----------|----------------|----------|
| pr | ‘prego’ | pl | ‘planta’ |
| br | ‘braço’ | bl | ‘blusa’ |
| tr | ‘trator’ | tl | ‘atleta’ |
| dr | ‘dragão’ | - | - |
| kr | ‘creme’ | kl | ‘claro’ |
| gr | ‘grama’ | gl | ‘globo’ |
| fr | ‘fraco’ | fl | ‘flor’ |
| vr | ‘livro’ | - | - |

Quadro 1 – Grupos de *Onsets* Complexos permitidos no PB

Salienta-se que o grupo com // apresenta um número menor de combinações e, conseqüentemente, um número reduzido de palavras no conjunto léxico da língua, o que pode ser relevante na análise dos dados sobre a aquisição da sílaba CCV.

A aquisição do *onset* complexo, de acordo com o estudo de Ribas (2002), ocorre de forma gradual, apresentando muita instabilidade no curso de desenvolvimento.

Apesar dessa afirmação, é evidente o uso de diferentes mapeamentos² durante o curso de desenvolvimento fonológico, em que a criança produz um *output* diferente da forma alvo com o objetivo de superar a produção de estruturas complexas. Lamprecht (1993), em estudo longitudinal sobre a aquisição da fonologia do Português na faixa etária dos 2:9 ao 5:5, obteve como resultado a substituição da líquida e a metátese como estratégias de reparo adotadas pela criança na superação da redução dos encontros consonantais. No estudo de Ribas (2002), as estratégias de reparo mais utilizadas foram a produção C¹V (ex.: ‘fralda’ → [‘fawda]), a substituição da líquida (ex. ‘briga’ → [‘bliga]) e a metátese, que se constitui na troca de posição da consoante líquida na palavra (ex.: ‘pedra’ → [‘prɛda]). Lamprecht (1993), entretanto, chama a atenção para o processo da metátese, de que nem sempre resultam em estruturas silábicas mais simples ou aparentemente mais fáceis, mas estruturas às vezes idênticas àquelas desfeitas pela metátese, como mostra no exemplo “tigre” → [‘trigi]. Lamprecht (1993, 1999) afirma, de acordo com seus dados, que a criança procura o seu caminho individual na aquisição fonológica, havendo diferenças não só na idade como também no ritmo de superação dos processos.

É importante referir o estudo de Gomes (2005), que analisou dados produzidos durante um ano por quatro participantes da pesquisa “A produção de vogais e de consoantes por crianças de 2 a 10 anos: evidências de fala e de escrita”, desenvolvida na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), sob a coordenação da Prof^a Dr^a Cátia de Azevedo Fronza. Tais dados também evidenciaram o apagamento da líquida como estratégia de reparo mais utilizada. Entretanto, alguns dados divergem dos outros estudos mencionados. Segundo Gomes (2005), em sua pesquisa não houve nenhum caso de metátese, ocorrendo a substituição da C¹ como terceira estratégia de reparo mais

² Utilizamos *mapeamento* em lugar de *estratégia de reparo*, conforme orientações de Mc Carthy (2007). Bonilha (2000) salienta que o termo *estratégia de reparo*, conforme a perspectiva da TO, é visto não como uma regra que a criança aplica para obter uma produção menos marcada, mas sim como o próprio ranqueamento de restrições que, num determinado estágio de aquisição, dará preferência para determinadas estruturas.

utilizada. Ribas (2002, 2003, 2004) apresenta como quarta estratégia de reparo empregada a substituição da C₁, enquanto no estudo de Gomes (2005) o apagamento do encontro CC ocupa essa posição. É importante salientar que há diferenças metodológicas entre os estudos referidos que podem ter ocasionado as divergências mencionadas quanto aos mapeamentos. Ribas (2002), por exemplo, analisa dados transversais de 134 crianças, enquanto Gomes (2005) trabalha com dados longitudinais de 4 informantes.

Outro aspecto relevante sobre o estudo de *onsets* complexos diz respeito ao contexto favorável para sua produção. No estudo de Gomes (2005), a produção do *onset* complexo foi favorecida nos seguintes contextos: com a líquida não-lateral, a vogal /i/ no contexto precedente, a vogal /a/ no contexto seguinte, em posição tônica e em início de sílaba. Na pesquisa de Ribas (2002), observa-se que, no grupo com /l/, a sílaba ideal para a produção do *onset* complexo é /pla/, enquanto no grupo com /r/, a produção correta da estrutura CCV foi propiciada nos seguintes ambientes: sílabas com obstruintes labiais e sonoras, quando o elemento antecedente era a vogal /o/, quando o *onset* complexo estava na sílaba fraca do pé métrico do acento e quando a vogal da sílaba CCV era /i/, /u/ ou /a/ (RIBAS 2003, p.30). Estes dados, indicando contextos fonológicos que favorecem a produção da sílaba CCV, mostram-se importantes para o auxílio em tratamentos cujos pacientes mostrem inadequações na produção dessas seqüências, contribuindo para que selecionem estratégias adequadas que se valham de contextos favoráveis para a produção durante o tratamento.

2. PESQUISA EM ANDAMENTO

Com o objetivo de aprofundar o conhecimento acerca das diferenças observadas nos dados de aquisição do *onset* complexo, apresentamos alguns direcionamentos de uma pesquisa longitudinal, que está em fase de execução pela primeira autora deste artigo, atendendo aos requisitos do Mestrado em Linguística Aplicada, na UNISINOS. O estudo conta com a análise de dados de 12 informantes, que vêm sendo coletados desde 2004 com a pesquisa “A produção de vogais e de consoantes por crianças de 2 a 10 anos: evidências de fala e de escrita”, já mencionada. Além disso, serão considerados os estudos referentes à pesquisa “Explorando dados de fala e de escrita: aplicações da

Teoria da Otimismo”, também desenvolvida e coordenada pela Profa. Dra. Cátia de Azevedo Fronza, que investiga dados de fala e/ou escrita de crianças a partir de 3:8.

Este estudo longitudinal, sob a orientação da referida pesquisadora, acompanhará o mesmo grupo de crianças desde seus dois anos até os cinco anos. Dessa forma, será possível perceber a evolução dos informantes na aquisição do onset complexo e verificar como eles lidam com tal estrutura silábica durante as diferentes etapas da aquisição da linguagem e quais os diferentes mapeamentos utilizados nesse processo de aquisição, contribuindo, assim, para um melhor entendimento e para a caracterização da aquisição do *onset* complexo pela criança.

Em uma análise preliminar dos dados, consideramos 7 dos doze informantes, com idades entre 2:0 e 2:10, totalizando 9 coletas para cada informante. A primeira produção de onset complexo foi observada na fala do informante E, na coleta 7, aos 2:7. O gráfico a seguir ilustra a quantidade das primeiras produções realizadas para cada informante:

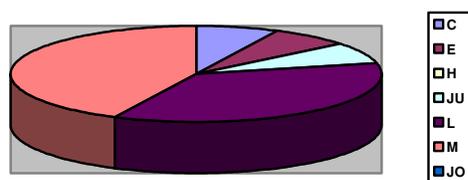


Gráfico 1 - Produções de onset complexo pelos 7 informantes

Pode-se perceber, de acordo com o gráfico, que alguns informantes produzem um maior número de realizações do onset complexo em relação a outros. O informante M é o que apresenta mais produções, seguido do informante L. Os informantes C, E e J realizam poucas vezes a estrutura silábica com onset complexo nos dados analisados até o momento, enquanto na fala dos informantes H e JO não foram observados usos de CCV. Diferenças como essas, entretanto, são naturais no processo de aquisição da linguagem e demonstram as características individuais de cada criança quanto à superação de determinados processos fonológicos.

Apesar de alguns informantes já produzirem a estrutura CCV, esta ainda não foi estabilizada na fala destas crianças, pois a realização e a não-produção do *onset* complexo podem ser observadas em uma mesma seqüência de fala, como nos exemplos abaixo:

| Estrutura Pretendida | Transcrição Fonética |
|-------------------------------|--|
| uma bicicleta grande | [‘uma bi’kEta ‘grɜ̃ ⁿ dZi] |
| essa é muito grande pra andar | [‘Esa E ‘mũytu ‘grɜ̃ ⁿ dZi pa ɜ̃ ⁿ da] |

Quadro 2 – Dados de fala do informante M, aos 2:9

A partir dos primeiros dados analisados, podemos observar alguns contextos favoráveis para a realização do onset complexo: estrutura complexa em sílaba tônica, vogal da sílaba CCV sendo /a/ ou /e/, e a sílaba ideal para a produção do onset complexo /gra/. Salientamos que estas análises são parciais e remetem a dados de apenas 9 coletas, em uma idade em que a forma alvo está começando a ser produzida. A análise dos 12 informantes, num maior número de coletas, poderá apresentar outros resultados.

Durante a não-realização do onset complexo, o mapeamento mais recorrente foi a produção C¹V, seguido da substituição da líquida, conforme mostram os exemplos seguintes:

| Estrutura Pretendida | Transcrição Fonética |
|-----------------------------|-----------------------------|
| tigre | [‘tʃigi] |
| igreja | [i’gleza] |

Quadro 3 – Dados de fala do informante L, aos 2:10

Reforçamos o fato de que esta é uma análise preliminar, e que resultados divergentes podem ser encontrados a partir da análise de todo o *corpus* que irá compor esta pesquisa. A partir desse estudo, portanto, pretendemos verificar a influência de alguns fatores determinantes durante a aquisição de CCV, como a faixa etária dos informantes, o tipo de C¹ e o tipo de líquida como C². Também é objetivo desta pesquisa analisar o contexto precedente e o seguinte ao *onset* complexo, bem como a posição da sílaba CCV na palavra e sua tonicidade, a fim de traçar as possibilidades mais favoráveis à realização do *onset* complexo, comparando os dados coletados aos estudos de Lamprecht (1990,1993), Ribas (2002, 2003) e Gomes (2005), entre outros.

Como já foi mencionado, este projeto conta com dados longitudinais, e assim será possível perceber e analisar as várias hierarquias provisórias do aprendiz durante a aquisição do *onset* complexo, bem como os diferentes mapeamentos utilizados pelo mesmo. Para dar conta da evolução da aquisição fonológica dos informantes, pretende-se utilizar um algoritmo de aprendizagem (Tesar e Smolensky, 2000), através do qual

será possível perceber as diferentes hierarquias de restrições apresentadas pela criança durante os estágios de desenvolvimento.

3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA DA OTIMIDADE NA PESQUISA EM ANDAMENTO

A TO tem sido muito utilizada nos estudos atuais sobre aquisição da linguagem, pois é, conforme Bonilha (2005, p. 12), “uma teoria dos universais lingüísticos e da GU (Gramática Universal), em que as gramáticas das línguas do mundo compartilham um conjunto de restrições”. Uma língua, portanto, é adquirida de acordo com o ranqueamento de restrições que compõe a GU, conforme a hierarquia específica de cada língua. Esse ranqueamento ocorre contínua e gradualmente, o que permite identificar os diferentes estágios de desenvolvimento pelos quais passa a criança durante a aquisição. Estas restrições são violáveis, o que faz com que cada língua do mundo tenha sua especificidade em um ranqueamento.

A existência de uma relação entre *input* e *output* é proposta pela TO, como afirma Matzenauer (2003a), sendo mediada por dois mecanismos integrantes da GU – GEN (GERADOR), que cria os possíveis candidatos a *output*, e EVAL (AVALIADOR), que avalia, a partir da hierarquia de restrições, o candidato ótimo dentre os candidatos produzidos por GEN. É com base na violação de restrições que estão mais baixas na hierarquia da língua que um *output* é considerado ótimo entre todos os candidatos providenciados por GEN.

Conforme Matzenauer (2003a), ao usar o mecanismo de avaliação dos candidatos a *output* para escolher o *output* ótimo, a TO estabelece uma relação entre os *outputs* possíveis. Sendo assim, como afirma a autora (op. cit., p. 48), isto faz com que a TO esteja centrada no alvo (no *output*) e não no processo, como fazem as teorias derivacionais. A partir dessa idéia, Matzenauer (2003a) sustenta que é possível perceber que as produções [‘vidu], [‘viduru] e [‘virdu], para a palavra *vidro*, por exemplo, são empregadas com apenas um objetivo: evitar a seqüência de duas consoantes. A restrição empregada neste caso seria *NOT COMPLEX ONSET* (NO-CC), que proíbe encontros consonantais no *onset*. Esta restrição pertence ao grupo das chamadas Restrições de Marcação, que se referem às formas de *output*, exigindo que este apresente estrutura não marcada. Segundo Bonilha (2005), uma estrutura é vista como marcada quando possui

pouca ocorrência em uma língua, assim como uma forma que ocorre frequentemente é vista como não-marcada. Dessa forma, de acordo com a TO, as restrições que indicam formas menos marcadas estão ranqueadas mais acima na hierarquia, enquanto as formas mais marcadas encontram-se ranqueadas mais abaixo. Bonilha (2005) acrescenta que as estruturas lingüísticas que violam as restrições ranqueadas mais altas na hierarquia são classificadas como marcadas e, por isso, serão banidas da língua ou ocorrerão em contextos muito restritos.

Para as análises preliminares apresentadas neste artigo, trazemos alguns tableaux que procuram explicar determinadas produções para a palavra ‘tigre’ encontradas nas falas das crianças. Para tanto, utilizamos as seguintes restrições: NO COMPLEX, que proíbe estruturas silábicas complexas (CCV ou CVC/CVV); COMPLEX Tônica, que exige estruturas complexas tônicas; LINEARITY (LIN), que não permite metáteses; MAXIMALITY (MAX-IO), que não permite apagamento; DEPENDENCE (DEP-IO), que proíbe epênteses.

| /ˈtʃigri/ | NO Complex | DEP-IO | LIN | Complex Tônica | MAX-IO |
|-----------|------------|--------|-----|----------------|--------|
| a) tʃigri | *! | | | * | |
| b)tʃigri | *! | | * | | |
| d) tʃigi | | | | | * |
| e)tʃigiri | | *! | | | |

Tableau 1 – Hierarquia do output [ˈtʃigi] para ‘tigre’

No *Tableau 1*, o output [ˈtʃigi] é escolhido como candidato ótimo por violar a restrição mais baixa na hierarquia, MAX-IO, que proíbe apagamentos. Os candidatos (a) e (b) são eliminados por violarem a restrição mais alta da hierarquia, pois contêm onset complexo. O candidato (e) viola DEP-IO, pois apresenta epêntese. Este tem sido o mapeamento recorrente na maioria das produções das crianças quando ainda não realizam o *onset* complexo.

Voltemo-nos para o *Tableau 2*.

| /ˈtʃigri/ | DEP-IO | Complex Tônica | MAX-IO | NO Complex | LIN |
|------------|--------|----------------|--------|------------|-----|
| □a) tʃirgi | | | | * | * |
| b) tʃigi | | | * | | |
| d) tʃirgi | | *! | | * | |
| e)tʃigrii | *! | | | | |

Tableau 2 – Hierarquia de [tʃirgi] para ‘tigre’

No *Tableau 2*, o candidato (a) é escolhido como *output* ótimo por violar as restrições mais baixas da hierarquia, NO Complex e LIN. Embora ainda não possamos afirmar com precisão, percebemos tal comportamento em muitas das produções nas quais a epêntese e a metátese são utilizadas como forma de fazer com que a sílaba complexa seja tônica. Talvez esta seja uma tendência da língua, ou apenas uma forma de facilitar a produção de sílabas complexas, mas ainda não temos subsídios suficientes para confirmar os dados, visto o pequeno volume de informações analisadas até o momento.

Quando a palavra ‘tigre’ é produzida conforme a forma alvo, temos a seguinte hierarquia de restrições:

| /ˈtʃigri/ | DEP-IO | LIN | MAX-IO | Complex Tônica | NO Complex |
|------------|--------|-----|--------|----------------|------------|
| □a) tʃirgi | | | | * | * |
| b) tʃigi | | | * | | |
| d) tʃirgi | | *! | | | * |
| e)tʃigiri | *! | | | | |

Tableau 3 – Hierarquia de [ˈtʃigri] para ‘tigre’

O *Tableau 3*, então, mostra que [tʃirgi] foi escolhido como candidato ótimo devido à demção da restrição NO Complex para a posição mais baixa da hierarquia, permitindo segmentos com seqüência CCV. As diferentes hierarquias aqui apresentadas podem ser encontradas durante o curso de desenvolvimento fonológico das crianças, sendo observadas em diferentes etapas, explicando a realização de determinadas estruturas num estágio específico do desenvolvimento em detrimento de outras.

Para as análises posteriores, contaremos com o auxílio do programa OT Soft (Hayes, 2004), um software que oferece diferentes ranqueamentos de restrições a partir

de um grupo de outputs possíveis, determinando o candidato ótimo em cada ranqueamento através de ilustrações das violações em tableaux. O OT Soft analisa cada ranqueamento, dando explicações sobre a escolha do candidato ótimo, sobre candidatos incorretos e sobre as restrições empregadas, ajudando o pesquisador na análise dos dados. Através do OT Soft poderemos obter um maior número de informações sobre cada *tableau* de uma forma mais rápida e precisa.

A TO tem adquirido grande importância nos estudos referentes à aquisição da linguagem nos últimos anos, sendo crescente o número de pesquisas realizadas. Isto se deve às investigações sobre o poder explicativo da teoria, que parece justificar as diferenças encontradas entre as falas das crianças, fornecendo um “olhar para o interior da construção da gramática pela criança” (RIBAS, BONILHA E LAMPRECHT, 2003, p. 35).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora muitos estudos sobre *onset* complexo já tenham sido realizados, sabemos que muito ainda deve ser feito para definir a caracterização da aquisição desta estrutura silábica. Através da pesquisa longitudinal pretendida com o estudo aqui mencionado, será possível mostrar variações no comportamento e possíveis regressões na aquisição da fonologia da criança, em especial no que se refere aos *onsets* complexos, oferecendo dados para a verificação das etapas pelas quais passa a criança durante a aquisição da língua.

Através desta pesquisa, portanto, pretendemos colaborar com os estudos acerca da aquisição da linguagem e da fonologia, além de trazer contribuições para o fortalecimento da Teoria da Otimidade, a qual acreditamos ter grande poder explicativo no que se refere aos processos fonológicos observados na fala das crianças durante as diferentes etapas do desenvolvimento. Além disso, este estudo também pretende possibilitar relações de outras áreas com a Linguística, contribuindo para pesquisas em Fonoaudiologia, Psicologia e Educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BONILHA, Giovana Ferreira Gonçalves. *Aquisição dos ditongos orais decrescentes: uma análise à luz da Teoria da Otimidade*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 2000.
2. _____, Giovana Ferreira Gonçalves. *Aquisição fonológica do Português Brasileiro: uma abordagem conexionista da Teoria da Otimidade*. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2005.
3. GOMES, Cristiane. *A produção de onsets complexos por crianças de 2 anos*. Trabalho de Conclusão do Curso de Letras, Unisinos, São Leopoldo, 2005.
4. HAYES, Bruce. *OT Soft: Constraint Ranking Software*. Versão 2.1. 2004. Disponível em www.linguistics.ucla.edu/people/hayes/otsoft
5. LAMPRECHT, Regina Ritter. *Perfil de aquisição normal da fonologia do português. Descrição longitudinal de 12 crianças: 2:9 a 5:5*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1990.
6. _____, Regina Ritter. A aquisição da fonologia do português na faixa etária dos 2:9 – 5:5. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.28. n.2. p. 99-106, 1993.
7. _____, Regina Ritter. Diferenças no ranqueamento de restrições como origem de diferenças na aquisição fonológica. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 34, n.3, p. 65, 1999.
8. MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto. Teorias fonológicas e aquisição da fonologia. In: MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto; BONILHA, Giovana Ferreira Gonçalves. *Aquisição da fonologia e teoria da otimidade*. Pelotas, EDUCAT, p. 39-53, 2003a.
9. _____, Carmen Lúcia Barreto. Aquisição da linguagem e otimidade: uma abordagem com base na sílaba. In: MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto; BONILHA, Giovana Ferreira Gonçalves. *Aquisição da fonologia e teoria da otimidade*. Pelotas, EDUCAT, p. 55-65, 2003b.
10. RIBAS, Letícia Pacheco. *Aquisição do onset complexo no português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.
11. _____, Letícia Pacheco. *Onset complexo: características da aquisição*. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 23-31, jun., 2003.

12. _____, Letícia. Sobre a Aquisição do Onset Complexo. In: LAMPRECHT, Regina Ritter (org.). *Aquisição fonológica do Português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
13. _____, Letícia; BONILHA, Giovana e LAMPRECHT, Regina. Hierarquias de restrições e estratégias de reparo: aquisição do onset complexo. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 33-44, junho, 2003.
14. MCCARTHY, John J. *Doing Optimality Theory*. III Seminário de Fonologia da PUCRS. University of Massachusetts Amherst, 2007.

RESUMO: Este trabalho tem a meta de apresentar reflexões sobre dados da aquisição do onset complexo, que se caracteriza como a última estrutura silábica adquirida pela criança. Enquanto estruturas mais simples, como CV e V, já fazem parte do sistema fonológico de crianças entre a idade de 1:0 e 1:4, conforme afirma Matzenauer (2003), o *onset* complexo só atinge estabilização na produção por volta dos 5 anos de idade. Esta peculiaridade leva-nos a refletir sobre as características de aquisição do *onset* complexo, apresentando dados de estudos já realizados, como os de Lamprecht (1990,1993), Ribas (2002) e Gomes (2005), entre outros. Em seguida, trazemos uma discussão preliminar de produções dessa estrutura silábica por crianças com idade inicial de 2 anos, parte da análise de dados de fala de 12 informantes que fazem parte de uma dissertação de Mestrado, em andamento. Tal discussão está baseada na Teoria da Otimidade, através da qual pretendemos explicar a aquisição de *onsets* complexos de nossos informantes. Este estudo, então, pretende contribuir com reflexões sobre a aquisição da linguagem, a aquisição da fonologia e sobre teorias fonológicas, em especial a Teoria da Otimidade, oferecendo dados e análises que podem fortalecer sua aplicabilidade. Além disso, o estudo também é capaz de trazer contribuições às áreas de Fonoaudiologia, Psicologia e Educação, estabelecendo relações mais próximas dessas áreas com a Linguística.

PALAVRAS-CHAVE: aquisição da fonologia; onset complexo; Teoria da Otimidade.

ABSTRACT: This work presents reflections about data from complex onset acquisition that is characterized as the last syllabic structure acquired by the child. Simpler structures, as CV and V, are already part of the children phonologic system between the age of 1:0 and 1:4. As Matzenauer (2003) says, complex onset only reaches stabilization in the production for about the age of 5 years old. This peculiarity make us think about the characteristics of complex onset acquisition, presenting data of studies already done, like Lamprecht (1990, 1993), Ribas (2002) and Gomes (2005), among others. After that, we bring a preliminary discussion of this syllabic structure outputs for children with 2 years old, part of the analysis of speaking data from 12 informants who are part of a research for Master's Degree, in progress. Such discussion is based on Optimality Theory through which we intend to explain the complex onsets acquisition of our informers. Then, this study wants to contribute with reflections about the language acquisition, the phonological acquisition and about phonological theories, special on Optimality Theory, given data and analyses that can fortify its applicability. Moreover, the present study is also able to bring contributions to Phonoaudiology, Psychology and Education, establishing closer relations to these fields of researches with Linguistics.

KEYWORDS: Phonological Acquisition; Complex Onset; Optimality Theory.